

(RE)PENSANDO O ESTILO RETÓRICO PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO: NOÇÕES APLICÁVEIS AO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

RODRIGO MENGALI*


Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – campus Ponte Nova, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Recebido em: 20 ago. 2020. Aprovado em: 8 set. 2020.

Como citar este artigo: MENGALI, R. (Re)pensando o estilo retórico para expressar o Movimento: noções aplicáveis ao ensino do português como língua estrangeira. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 3, p. 64-75, set./dez. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n3p64-75

Resumo

As línguas mundiais são separadas em duas categorias, com base no modo como cada uma delas codifica os elementos semânticos para expressar o Movimento. Já o falante de cada uma dessas línguas desenvolve um estilo retórico próprio, denominado Pensar para Falar, que se distingue daqueles dos falantes de outras as línguas, especialmente daquelas que se enquadram em categorias opostas. Para contornar as barreiras linguísticas no processo de aprendizagem de língua estrangeira e se expressar de modo eficiente nessa língua, é preciso que se tenha conhecimento sobre as questões tipológicas e que se desenvolva estratégias para se Repensar para Falar.

* E-mail: rodrigomengali@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-2057-4039>

Palavras-chave

Expressão do Movimento. Pensar para Falar. Repensar para Falar.

INTRODUÇÃO

A expressão do Movimento (com letra maiúscula) é um dos domínios semânticos básicos da comunicação humana. No entanto, embora todo ser humano precise expressar o Movimento no seu dia a dia, o falante de cada língua o faz por meio de recursos linguísticos disponíveis em sua língua materna (L1), que podem variar em mais ou menos aspectos, quando comparados aos recursos utilizados por falantes de outras línguas para expressar esse mesmo fenômeno linguístico. Essa diferenciação, por sua vez, chama a atenção do linguista cognitivo Leonard Talmy, que consegue separar as línguas mundias em dois grupos, de acordo com os aspectos morfossintáticos mais empregados pelos falantes dessas línguas para expressar o Movimento.

É discutido, à luz dos estudos slobinianos, então, que esses recursos linguísticos empregados pelos falantes de cada língua, para a codificação do Movimento, influenciam na construção de um estilo retórico, que é compartilhado entre os falantes dessa mesma língua, como é explicado segundo a hipótese Pensar para Falar. Esse estilo retórico, por sua vez, pode ser mais semelhante entre os falantes de línguas que se enquadram no mesmo grupo e mais distinto quando comparado ao dos falantes de línguas de grupos diferentes.

Sendo assim, quando se trata da aquisição de uma língua estrangeira (L2), é preciso ter em mente algumas questões relevantes para a aprendizagem da expressão do Movimento como na língua-alvo.¹ Para tanto, primeiramente, é importante que se esclareça que expressar o Movimento em L2 pode requerer a utilização de recursos linguísticos diferentes daqueles dos da L1, o que pode ser uma questão complexa e difícil de ser contornada no processo de aquisição de uma L2. É necessário também que se compreenda que ensinar e aprender a expressão do Movimento como na L2 vai muito além do ensino e aprendizagem de tópicos gramaticais, pois é necessário, muitas vezes, que se modifique um estilo retórico enraizado pelo uso da L1.

1 Língua estrangeira que se busca aprender.

REFERENCIAL

Os eventos de Movimento e a tipologia talmyiana

Um evento de Movimento é aquele em que um Objeto se movimenta ou se localiza estaticamente em relação a outro Objeto, denominado Fundo. Nesse tipo de evento, é possível observar a presença de até seis elementos semânticos, que são o Objeto, o Fundo, o Movimento, o Trajeto, a Maneira e a Causa. Entre esses, os quatro primeiros representam os elementos básicos e obrigatórios para a expressão do Movimento, enquanto os dois últimos são elementos secundários que podem ou não ser lexicalizados (TALMY, 1985, p. 60). Os elementos semânticos em questão podem ser visualizados, então, nos exemplos a e b, originais do linguista cognitivo e que recebem traduções minhas para o português neste artigo.

- a. *The pencil*_{OBJETO} *rolled*_{MOVIMENTO+MANEIRA} *off*_{TRAJETO} *the table*_{FUNDO}.
 O lápis rolou fora a mesa.
 “O lápis saiu rolando da mesa.”
- b. *The pencil*_{OBJETO} *stuck*_{MOVIMENTO+CAUSA} *on*_{TRAJETO} *the table*_{FUNDO} (*after I glued it*).
 O lápis prendeu em a mesa (depois que eu o coleí).
 “O lápis ficou preso na mesa (depois que eu o coleí).”

Talmy (2000, p. 26) explica que, nos dois exemplos, o lápis assume a função de Objeto, e a mesa, a função de Fundo. Na composição desses eventos, por sua vez, o verbo *rolled* expressa o movimento do lápis, enquanto o verbo *stuck*, a sua localização. Além disso, o verbo *rolled* expressa a Maneira como o lápis se movimentou, enquanto o verbo *stuck* indica a Causa do ocorrido. Por fim, as partículas *off* e *on* expressam o Trajeto (movimento e localização, respectivamente). Nota-se, contudo, nas traduções para o português, que o Trajeto passa a ser expresso nos radicais dos verbos “sair” e “ficar”, apontando para as diferenças tipológicas existentes nessas duas línguas e que podem ser um dificultador para a aprendizagem de português como língua estrangeira por falantes nativos de línguas que, assim como o inglês, possuem um padrão de lexicalização diferente para expressar o Movimento.

Ainda sobre o elemento Trajeto, Talmy (1985, 2000) explica que esse pode ser lexicalizado de modo distinto, dependendo da língua. Sendo assim, o linguista cognitivo explica que, em algumas delas, o Trajeto é lexicalizado no radical do verbo principal, e, em outras, ele é expresso por meio de uma partícula ou palavra denominada Satélite, que recebe essa nomenclatura por acompanhar o verbo principal. A partir dessa observação, então, o linguista cognitivo classifica as línguas em dois grandes grupos reconhecidos como as línguas de moldura em Verbo e as línguas de moldura em Satélite.

Quanto a essa diferenciação, enquadram-se na categoria línguas de moldura em Verbo aquelas que, tipicamente, expressam o Trajeto no radical do verbo, como as línguas românicas (português, galego, catalão, francês, italiano etc.), as semíticas (árabe, hebraico), o turco, o japonês, o coreano, o gronelandês, o chantial, o cebuano, o malaio, o tagalo, o squaliq, o saisiyat, a linguagem de sinais americana e a linguagem de sinais holandesa. Já as línguas germânicas (alemão, dinamarquês, inglês, islandês, holandês, sueco, iídiche etc.), as línguas eslavas (tcheco, polonês, russo, servo-croata etc.), o finlandês, o húngaro, o mandarim e o walpiri, por sua vez, se enquadram na categoria de línguas de moldura em Satélite, pois estas tendem a expressar o Trajeto por meio de um Satélite (HIJAZO-GASCÓN, 2011, p. 25).

Além de expressarem o Trajeto por meio de elementos semânticos distintos, as línguas de moldura em Verbo e as de moldura em Satélite também se distinguem no modo como a maneira ou a causa do Movimento é tipicamente lexicalizada. Sendo assim, nas línguas de moldura em Verbo, como é o caso do português, a Maneira e Causa, quando expressas, são lexicalizadas geralmente pelo uso de um advérbio ou por meio de uma oração de gerúndio, ambos fora do radical principal. Já nas línguas de moldura em Satélite, distintamente, a maneira e a causa do Movimento são expressas no radical do verbo principal (TALMY, 1985, 2000).

Tal diferença para a lexicalização de evento de Movimento pode ser observada ao contrastar os padrões de lexicalização em “Pedro_{OBJETO} atravessou_{VERBO+TRAJETO} a ponte_{FUNDO} de carro_{MANEIRA}” e *Pedro_{OBJETO} drove_{VERBO+MANEIRA} across_{TRAJETO} the bridge_{FUNDO}*, em que Batoréo e Ferrari (2016, p. 61) demonstram como o Trajeto no português é tipicamente expresso pelo radical do verbo principal, enquanto em inglês ele é tipicamente expresso fora do radical do verbo, por meio de um Satélite.

Embora se tenha apresentado que as línguas possuem padrões de lexicalização distintos para a expressão do Movimento, é importante ressaltar que a tipologia proposta por Talmy enquadra as línguas em categorias opostas com base em uma tendência de lexicalização. Isso não significa, portanto, que as línguas possuam padrões linguísticos tão rígidos que não permitam que seus falantes nativos façam escolhas diferentes daquelas mais comumente utilizadas naquela língua. Por essa razão, portanto, a tipologia de Talmy faz referência ao padrão de lexicalização mais característico de cada língua, cujos falantes nativos adquirem mais cedo e usam com mais frequência em situações comunicativas cotidianas.

Quanto a essa questão, Batoréo e Ferrari (2016, p. 71) investigam como os falantes de português brasileiro e europeu expressam os eventos de Movimento em contexto de situações portuárias e verificam que é linguisticamente possível lexicalizar o Movimento pelos dois padrões linguísticos em português, embora haja uma tendência, segundo as autoras, principalmente no português brasileiro, de expressar o Movimento pelo padrão das línguas de moldura em Verbo em eventos desse tipo.

No entanto, essa flexibilização de lexicalização é mais restritiva em línguas da categoria do português, como o espanhol, quando o evento de Movimento envolve o cruzamento de limites espaciais, ou seja, quando o Objeto começa e termina em lugares diferentes (cf. ASKE, 1989; HIJAZO-GASCÓN; IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013). Nesse caso, segundo Aske (1989) e Híjazo-Gascón e Ibarretxe-Antuñano (2013), o Trajeto que indica o cruzamento de limites espaciais é expresso no verbo principal, e a maneira ou a causa do movimento, quando expressas, são lexicalizadas em outro predicado por meio de um advérbio ou oração de gerúndio. Esse padrão de lexicalização, por sua vez, distingue-se daquele utilizado por falantes de línguas de moldura em Satélite, que expressam a maneira ou a causa do movimento no radical do verbo principal, e o trajeto que indica o cruzamento de limites espaciais, no Satélite. Tal contraste, então, pode ser observado nos exemplos c e d, extraídos da obra *Towards a cognitive semantics* e que recebem traduções minhas para o português neste artigo.

- c. *La botella*_{OBJETO} *salió*_{MOVIMENTO+TRAJETO} *de la cueva*_{FUNDO} (*flotando*)_{MANEIRA}.
 A garrafa saiu de a caverna (flutuando).
 “A garrafa saiu (flutuando) da caverna.”

- d. The bottle_{OBJETO} floated_{MOVIMENTO+MANEIRA} out_{TRAJETO} of the cave_{FUNDO}.
A garrafa flutuou fora de a caverna.
“A garrafa saiu (flutuando) da caverna.”

Observa-se com os exemplos, além do contraste explicado anteriormente, que o português, assim como espanhol, expressa perfeitamente o cruzamento de limites espaciais pelo padrão de lexicalização das línguas de moldura em Verbo. Entretanto, há na literatura, até onde tenho conhecimento, uma carência de estudos que investigam os níveis de frequência e de coloquialidade com que os eventos de Movimento com cruzamento de limites espaciais são expressos em português, não sendo possível afirmar a ocorrência, assim como no espanhol, do fenômeno da “restrição do cruzamento de limites”,² descrito por Slobin e Hoiting (1994).

A hipótese Pensar para Falar

A tipologia semântica proposta por Leonard Talmy, que separa as línguas em duas categorias a depender do modo como cada uma delas lexicaliza o Movimento, é utilizada pelo famoso psicolinguista Dan I. Slobin para defender a sua hipótese Pensar para Falar. Nela, Slobin (1991, 1996) traz uma nova perspectiva para o relativismo linguístico e propõe que as noções clássicas de *linguagem* e *pensamento*, propostas por Sapir e Whorf, sejam substituídas pelas duas entidades dinâmicas *pensar* e *falar*, como se sugere no título do seu artigo *from language and thought to thinking for speaking*.³ Logo, nesse trabalho, o psicolinguista explica que Pensar para Falar é, portanto, o tipo de atividade mental que se inicia e perdura no e durante o ato de verbalizar a experiência.

Dentro dessa perspectiva, para Slobin (1991, p. 23), cada língua direciona a atenção do seu falante, durante a fala, para os aspectos da experiência que são expressos nas categorias léxico-gramaticais daquela língua, e, por consequência, aquele falante geralmente recorre àqueles aspectos, disponíveis na gramática daquela língua, para a construção dos enunciados. Dessa forma, de

2 Tradução minha do original: *boundary-crossing constraint*.

3 Tradução minha para o português: “da linguagem e do pensamento para o pensar e o falar”.

acordo com o psicolinguista, o uso cotidiano da língua reforça tais padrões linguísticos, criando um estilo retórico característico que pode variar de uma língua para outra.

No caso particular da expressão do Movimento, então, o estilo retórico dos falantes de línguas de moldura em Verbo e os das línguas de moldura em Satélite estão em extremos opostos. Tal evidência, comprova-se, então, pelas narrativas coletadas a partir do livro imagético *Frog, where are you?* (MAYER, 1969), nas quais Slobin e Hoiting (1994) observam como os falantes de línguas de moldura em Satélite tendem a codificar os eventos de Movimento por uma ótica mais dinâmica, enquanto os falantes de línguas de moldura em Verbo geralmente apresentam narrativas mais estáticas. Tais evidências, segundo esses autores, já são observadas na infância e reforçadas ao longo da vida.

O desenvolvimento de um estilo retórico distinto pode ser explicado, pois as línguas de moldura em Satélite possuem uma gama de verbos que expressam a Maneira e a Causa do movimento em uso frequente e coloquial, facilitando a expressão desses aspectos na linguagem. Por sua vez, a expressão da Maneira e da Causa, nas línguas de moldura em Verbo, exige do falante um esforço discursivo e cognitivo maior, pois este deve expressar tais aspectos em outro predicado. Por essa razão, uma vez que a Maneira ou a Causa não é um elemento básico e obrigatório para a composição de um evento de Movimento, geralmente esses aspectos não são expressos com a mesma frequência nas línguas de moldura em Verbo, ao menos que seja crucial do ponto de vista discursivo (SLOBIN, 2006). Finalmente, essa questão pode ser visualizada nos exemplos e, em inglês, e f, em espanhol, coletados por Slobin (1996, p. 202-204) a partir da cena do cervo e do rio, no livro de Mayer (1969), que recebem traduções minhas para o português neste artigo.

- e. *He [o cervo] starts running and he tips him off over a Cliff into the water.*
“Ele começa a correr e o derruba de suas costas, para além do penhasco e para dentro da água.”
- f. *El ciervo le llevo hasta un sitio donde habia un rio. Entonces el ciervo tiro al nino y al perro al rio.*
“O cervo o levou até um lugar onde havia um rio. Então o cervo jogou o menino e o cachorro no rio.”

Como se percebe no exemplo e, o trajeto é expresso por vários itens lexicais como *off*, *over* e *into*, o que torna a descrição da cena mais dinâmica. Em casos como esse, em que a trajetória é tão detalhada, é possível que a posição dos elementos que compõem a cena, como o dorso do cervo, o penhasco e o rio, sejam inferidos pelo ouvinte. Já no exemplo f, o falante traz para a sua narrativa os elementos estáticos da cena, como o rio. Desse modo, então, cabe ao ouvinte inferir sobre o trajeto do movimento, que, nessa cena, é de um ponto mais alto até o rio.

Em suma, a hipótese Pensar para Falar e a semântica talmyiana, que tratam sobre a aquisição e lexicalização da L1, respectivamente, se tornaram referências elementares nos estudos sobre o espaço e o movimento. Além desse grande valor nos estudos sobre L1, tais teorias são cada vez mais aplicadas nos estudos sobre aquisição de L2, cujo objetivo é investigar se, durante o processo de aprendizagem de uma L2, o aprendiz é capaz de se desprender dos padrões da L1 e se apoiar nos da L2 para se expressar, em um processo reconhecido como Repensar para Falar (ROBINSON; ELLIS, 2008).

Influência da L1 e o Repensar para Falar na L2

A partir das conclusões advindas dos estudos slobinianos sobre a L1, uma das tantas questões debatidas no campo de aquisição de L2 é se o aprendiz pode criar um novo modelo de Pensar para Falar que corresponda àquele do falante nativo da língua-alvo. Quanto a essa questão, os estudos que investigam como o aprendiz de L2 expressa o Movimento nessa língua-alvo apontam para o fato de que, geralmente, há uma influência da gramática da L1.

Quanto a essa questão, Alghamdi, Daller e Milton (2019) utilizam imagens de eventos de Movimento com cruzamento de limites espaciais para coletar e analisar o modo como os falantes de árabe L1 (língua de moldura em Verbo) expressam o movimento em inglês L2 (língua de moldura em Satélite). Por meio dessa coleta, os autores encontraram traços da L1 na interlíngua dos participantes, principalmente no que se refere à preferência por expressar o trajeto pelo radical do verbo. O estudo relevou ainda que mesmo os participantes com alto grau de proficiência em inglês L2 tiveram dificuldade para expressar o movimento com cruzamento de limites espaciais pelo padrão tipo-

lógico no qual o inglês se enquadra. Essa dificuldade, de acordo com os autores, sugere que mesmo um alto grau de proficiência linguística na L2 pode não ser suficiente para se desprender dos padrões da L1 ao tentar se comunicar na língua-alvo.

Ainda dentro dessa perspectiva, Özçalışkan (2013) investigou o modo como falantes de turco L1 (língua de moldura em Verbo) expressam o movimento em inglês L2 (língua de moldura em Satélite), quando esses são solicitados a incluir o trajeto e a Maneira do movimento, ao descrever imagens com cruzamento de limites espaciais. Nesse caso, então, nota-se que os falantes de turco L1 produziram descrições mais longas do que os falantes nativos de inglês para narrar os mesmos eventos. Isso pode ser explicado, segundo o autor, pois os participantes, falantes de turco L1, em sua maioria, expressaram o trajeto do movimento por meio do verbo principal, o que exigiu, na sequência, que utilizassem um ou mais verbos para lexicalizar a Maneira do movimento fora do predicado principal.

Com base no exposto até aqui, fica evidente, então, que cada língua possui um estilo retórico particular e é por meio dele que os eventos de Movimento são expressos naquela língua. Todavia, se esse estilo retórico for reproduzido ao utilizar a L2, é possível que haja efeitos negativos tanto para a expressão quanto para a interpretação desses eventos. Essa questão é discutida por Filipovic (2017), que analisou depoimentos policiais, proferidos em inglês L2, por falantes de espanhol L1, e observou que nesses casos, a Maneira do movimento não foi lexicalizada tão frequentemente como seria pelos falantes nativos de inglês. A omissão desse elemento semântico em casos como esse, por consequência, pode conferir ao falante não nativo uma desvantagem comunicativa com sérios efeitos.

Por causa da grande relevância da expressão do Movimento, é preciso que se dedique mais tempo da aula de língua estrangeira para se ensinar ao aprendiz de uma língua tipologicamente diferente a Repensar para Falar, de modo que a sua comunicação em L2 seja mais assertiva. Nessa tarefa, a linguística cognitiva pode auxiliar o professor de L2 na tarefa de ensinar as questões tipológicas aos aprendizes de L2, que podem passar a perceber a diferença desses padrões linguísticos no *input* subsequente.

CONCLUSÃO

A expressão do Movimento é um rico tema de investigação, que vem atraindo o interesse de linguistas cognitivos, psicolinguistas e pesquisadores interessados em aquisição de L2. Por meio do estudo desse fenômeno linguístico, é possível observar como os falantes organizam os componentes semânticos em L1 e como, durante o processo de aquisição de L2, eles devem ser reestruturados de acordo com a forma de codificação lexical da língua-alvo, que possui um estilo retórico próprio. Assim como foi apresentado, essa reestruturação ou “Repensar para Falar” é um desafio até mesmo para aprendizes de L2 em estágios mais avançados de aquisição.

Mesmo diante da importância de se dominar discursivamente a expressão do Movimento em L2, os estudos sobre o ensino desse fenômeno linguístico são escassos, ainda mais no que se refere ao ensino desse padrão linguístico na aula de português como língua estrangeira. Em razão disso, é importante inicialmente que o professor leve para a aula de português L2 possibilidades de aprendizagem que possam aumentar a consciência do aluno sobre a questão semântica e discursiva para a expressão do Movimento nessa língua. De modo concomitante, mais pesquisas, em formato quase experimental (com pré-teste e pós-teste), devem ser desenvolvidas, de modo que seja possível medir estatisticamente a eficiência do ensino da língua portuguesa para a aprendizagem do padrão linguístico em questão e para a aquisição de um novo modelo de Pensar para Falar que corresponda àquele dos falantes do português.

Por fim, este artigo visa compartilhar noções teóricas relevantes, assim como apresentar evidências empíricas sobre a expressão do Movimento que possam auxiliar o professor de L2 na compreensão do fenômeno linguístico e no desenvolvimento de estratégias de ensino que venham contribuir para o ensino e a aprendizagem desse padrão linguístico. A partir daqui, é fundamental que estudos sobre o ensino da expressão do Movimento em português sejam desenvolvidos para auxiliar o professor de português L2 na escolha de atividades e métodos que possam ser mais eficientes desse padrão linguístico em questão.

(Re)thinking the rhetoric style for expressing Motion: applicable notions for teaching Portuguese as a second language

Abstract

World languages are split into two categories, based on the way each one of them encodes the semantic elements to express Motion. The speaker of those languages develops his own rhetorical style, known as Thinking-for-Speaking, which differs from the rhetorical style of speakers of other languages, especially those languages that fall into opposite categories. To circumvent language barriers in the foreign language learning process, and to communicate efficiently in the target language, it is necessary to be aware of the typological issues regarding the expression of Motion and to develop strategies to Rethinking-for-Speaking.

Keywords

Motion. Thinking-for-Speaking. Rethinking-for-Speaking.

REFERÊNCIAS

- ALGHAMDI, A.; DALLER, M.; MILTON, J. The persistence of L1 patterns in SLA: the boundary crossing constraint and incidental learning. *Vigo International Journal of Applied Linguistics*, n. 16, p. 81-106, 2019.
- ASKE, J. Path predicates in English and Spanish: a closer look. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 15., 1989, Berkeley. *Proceedings [...]*. Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society, 1989. p. 1-14.
- BATORÉO, H. J.; FERRARI, L. Events of Motion and Talmyan typology: Verb-framed and Satellite-framed Patterns in Portuguese. *Cognitive Semantics*, v. 2, p. 59-79, 2016.
- FILIPOVIC, L. Applied language typology: applying typological insights in professional practice. *Languages in Contrast*, v. 17, n. 2, p. 255-278, 2017.
- HIJAZO-GASCÓN, A. *La expresión de eventos de movimiento y su adquisición em segundas lenguas*. 2011. Tesis (Doctorado en Lingüística General e Hispánica). Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2011.
- HIJAZO-GASCÓN, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Las lenguas románicas y la tipología de los eventos de Movimiento. *Romanische Forschungen*, n. 25, p. 467-494, 2013.

MAYER, M. *Frog, where are you?* New York: Dial Press, 1969.

ÖZÇALIŞKAN, Ş. Ways of crossing a spatial boundary in typologically distinct languages. *Applied Psycholinguistics*, p. 1-25, 2013.

ROBINSON, P.; ELLIS, N. Conclusion: cognitive linguistics, second language acquisition and L2 instruction – issues for research. *In: ROBINSON, P.; ELLIS, N. (ed.). Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition*. New York, London: Routledge, 2008. p. 489-546.

SLOBIN, D. I. Learning to think for speaking native language, cognition, and rhetorical style. *Pragmatics*, v. 1, n. 1, p. 7-25, 1991.

SLOBIN, D. I. From “thought and language” to “thinking for speaking”. *In: GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. C. (ed.). Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 70-96.

SLOBIN, D. I. What makes Manner of motion salient? Explorations in linguistic typology, discourse, and cognition. *In: HICKMANN, M.; ROBERT, S. (ed.). Space in languages: linguistic systems and cognitive categories*. Amsterdam, New York: John Benjamins, 2006. p. 59-82.

SLOBIN, D. I.; HOITING, N. Reference to movement in spoken and signed languages: typological considerations. *In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 20., 1994, Berkeley. Proceedings [...]*. Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society, 1994. p. 487-503.

TALMY, L. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. *In: SHOPEN, T. (ed.). Language typology and syntactic description: grammatical categories and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 57-149.

TALMY, L. Lexicalization patterns. *In: TALMY, L. (ed.). Toward a cognitive semantics*. Cambridge, London: The MIT Press, 2000. v. 2, p. 21-146.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge: The MIT Press, 2000.